

## Um formulário de candidatura e quatro espetáculos depois

A primeira parte deste texto encontra-se algures perdida em 2018, num formulário que preenchi quando me candidatei ao Recurso. Nesse sentido, nesta segunda parte a que agora me dedico, vou proceder a uma reconstituição conjectural desse conteúdo, projetando-lhe a minha vivência e experiência a partir de então, à boa maneira das reconstituições conjecturais (esse é, por exemplo, o modo como conhecemos o que Aristóteles escreveu e isso foi no século IV a.c. por isso, mal comparado, parece-me que em relação a 2018 até tenho vantagem).

Fazendo um apanhado do que estava em questão na altura : um trocadilho com o nome do curso, evocando o contexto académico, que apontava para um tentar de novo. E que seria de certa forma a situação em que xs participantes do curso se encontravam, ora porque iam tentar de novo outra coisa ( se não fossem já da área artística) , ora porque - esse era o meu caso - estavam ligados à área artística mas a sua formação ou prática não estava orientada no sentido de serem os responsáveis pelas criações em que se envolviam. Não era, portanto, um *curso curso*, era um *re* muitas coisas, um recomeço, um refazer, um reorientar. Resumo feito. Vou agora redizer as coisas que disse no formulário porque entretanto se acrescentaram sentidos de *recurso* para lá do trocadilho.

Afinal não havia nada para recomeçar, era só continuar e isso foi uma coisa que ficou logo vista nas primeiras semanas, quando o Rogério Nuno Costa me disse que havia uma performance dele que tinha começado quando ele tinha para aí seis anos a fazer *playback* do *playback* do Carlos Paião. Pronto, também decidi logo que todos os meus projetos antes de começar já tinham começado. Por exemplo, vou estrear hoje um espetáculo<sup>1</sup> que começou no século IV a.c quando o Platão decidiu ditar umas coisas ao escrivão dele, que eu agora leio numa décima quinta edição da Gulbenkian de *A República*.

Assim sendo, o que eu fazia antes – ser atriz – não era para se apagar, agora que eu tinha decidido não estar mais na posição de ser dirigida, maquilhada e vestida para ser eu a vestir, maquilhar e dirigir. E o que eu fazia antes – por exemplo sessões fotográficas de noivas – podia servir de material para construir tudo o que

---

<sup>1</sup> O espetáculo em questão é o *What Plato said to Ariana Grande* e estreou a 25 de Março de 2022, no Teatro Municipal do Porto, no contexto do *Double Trouble*.

veio depois. Na altura o José Maria Vieira Mendes disse-me: então porque é que não fazes um espetáculo vestida de noiva e a falar dessas coisas (essas coisas eram, no geral, a zanga que eu sentia com o meu percurso como atriz) e eu entretanto já vou no segundo espetáculo em que me visto de noiva.

Por esta altura o meu esquema cognitivo estava lentamente a mudar, eu ia deixando de ver tanta teleologia nas coisas, e de compreender o meu percurso como um processo fénix – queimar e esquecer a forma anterior para passar a ser outra, nova – e a compreendê-lo mais como uma metamorfose, que é um processo contínuo – a nova forma existe a partir da anterior, é devindo a partir da primeira que a segunda passa a existir, não há recusa da forma precedente. Isso também quer dizer que as formas não se alinham segundo um movimento progressivo, em que a forma nova é um modelo mais avançado ou maturado da anterior. A infância não é um *ainda não* e a velhice um *já não*. A forma atual é só mesmo isso, atual<sup>2</sup>.

Por isso também nunca houve o *eu ainda não sou artista*, e assim já vamos longe daquele primeiro sentido em que *recurso* evocava o contexto académico. Nunca estivemos numa posição em que o formador possuía algo que nós *ainda não* possuíamos, e que só depois de nos ser transmitido nos permitiria assumir-nos como artistas. Xs formadores trataram-nos imediatamente como artistas. Desenhou-se desde logo uma dinâmica em que existíamos fora da lógica hierárquica mais hegemónica do contexto académico. Era uma dinâmica em que estávamos todos envolvidos, e se calhar mais próxima de um ideal académico onde é suposto todos aprenderem com todos. Neste sentido a minha vivência no Recurso não foi bem um tentar de novo - que era a minha expectativa, e a qual cheguei a expressar no tal formulário. No geral *recurso* significou mais um “conjunto de meios disponíveis para serem utilizados”<sup>3</sup> que estivemos seis meses a **partilhar** – todos com todos.

Se houve algo *académico* nisto, só mesmo se evocarmos a Academia, a escola de Platão, ou as outras escolas filosóficas de Atenas, que, mais do que centros de ensino, eram locais de produção de modos de vida, de sujeição a práticas que respondiam à pergunta: *como devo viver?* De facto, o que experienciei no Recurso

---

<sup>2</sup> Emanuele Coccia explora estas ideias em *Metamorfoses*.

<sup>3</sup> "**recurso**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/recurso> [consultado em 26-03-2022].

não foram aprendizagens, no sentido de um reservatório que é preciso preencher. Foram modos intersubjetivos de construção de pensamento e modos de existir em conjunto, dos quais certos exercícios artísticos foram resultando. E, portanto, é inevitavelmente assim que perspectivamos o que é a arte e o que é ser-se artista desde então. Não a vejo como uma esfera separada a que nós pertencemos ou não pertencemos. Nós somos constitutivos dessa esfera, que só se pode construir neste intercâmbio de pensamento, no ver e ser visto pelos outros.

E é sobretudo a marca da sujeição a essa convivência que estrutura a minha prática artística, pelo menos até agora. A continuidade das formas, a construção intersubjetiva de pensamento, a ideia de que os meus projetos nunca são só meus e sobretudo a convicção de que criar é só uma procura ativa de outros modos de existir, sobretudo de existir em conjunto, são os princípios estéticos de todas as minhas criações.

Em *manifesta.*, o espetáculo que apresentei com a Joana Mont'Alverne, o Tiago Araújo, o Tiago Jácome e o Emanuel Santos no final do Recurso, escrevemos um manifesto que era uma festa e em que desejávamos que o cuidado fosse instaurado como modo de relação básica entre todas as coisas. A exploração plástica e material eram só a contraparte sensível de que precisávamos para expressar este desejo. E, note-se, este desejo é precisamente um desejo de existir de um modo diverso da anterior dinâmica existencial em que me via imersa no contexto da minha profissão e com a qual estava zangada inicialmente, marcada por lógicas de competição e também de mercado, sujeita a valorizações e desvalorizações arbitrárias da minha imagem e do meu trabalho. Procurando esteticizar a partilha de recursos que fomos vivendo até então, construímos um manifesto, demos uma festa, as pessoas viram um espetáculo e há cerca de um mês fizemos esta vivência coletiva existir juridicamente, sob o nome de Silent Party<sup>4</sup>. Mais do que um coletivo artístico, a Silent Party é o resultado de termos extraído e adotado a partir da experiência do Recurso uma forma de existir em coletividade que é a de estarmos sozinhos juntos, de articular o nível da agência, vontade e identidade

---

<sup>4</sup> Uma silent party é um evento festivo onde os participantes dançam juntos ao som de música ouvida em headphones. Consoante a festa, a música pode ser a mesma para todos, lançada pelo DJ para os headphones ou então os participantes ouvem a sua própria playlist.

individuais com o nível da pertença e edificação comuns. De priorizarmos a cooperação, o cuidado e a maximização de recursos para todes.

Em *IMPAR* e *IMPARidades*, que criei com o Tiago Jácome – e que é o meu namorado - estávamos cansades da rigidez heterossexual que foi esculpindo as nossas dinâmicas afetivas, tendo-nos proposto a questioná-la, e acabando por trocá-la por um mutualismo facultativo, que nos tem servido para vivermos mais livremente tanto as nossas identidades de género quanto as nossas sexualidades.

Em *What Plato Said to Ariana Grande*, que é um espetáculo-podcast, eu e o Emanuel Santos estávamos fartes de ter vergonha de gostar de pop, de sermos infantilizados por isso e de nos vermos obrigades a legitimar o ecletismo das fontes que usamos para pensar o mundo. Portanto aproveitámos esta esfera da arte, mais livre que o contexto académico e mais visível do que os nossos quartos de adolescência onde ouvíamos pop às escondidas, para praticar outras formas de construir pensamento. E convocámos outras experiências subjetivas para construí-lo connosco, os nossos convidades, sempre convencidos que é só nessa convocação e no funcionamento em rede que as nossas propostas artísticas fazem sentido.

Os meus/nossos espetáculos são, antes de mais, práticas a que nos submetemos tendo em vista tentativas de responder aquela pergunta que também orientava as escolas filosóficas da antiguidade: como queremos viver? É justamente assim que Foucault lê as propostas éticas das ditas escolas. O sujeito ético não é já dado ou determinado por um certo código moral ou ético que o precede. Ele constitui-se, e pode ser responsável por essa constituição, interferindo ativamente no que o determina. Em tais escolas seguiam-se com rigor regras que visavam a constituição dos sujeitos éticos que os seus integrantes aspiravam vir a ser. Também nós na Silent Party andamos à procura de interferir ativamente no que nos determina, usando a nossa prática artística como a técnica da nossa constituição e a arte como o modo de expressão privilegiado dos efeitos das nossas experiências.

E que os nossos princípios estéticos sejam os nossos princípios éticos, é uma magia que devemos à Estrutura (além de já lhes estarmos a dever o curso inteiro).